

COLEÇÃO 64 PÁGINAS



Sir Arthur Conan Doyle

O GATO DO BRASIL

e outras histórias de terror e suspense



L&PM POCKET

O FUNIL DE COURO

Meu amigo Lionel Dacre morava na Avenida de Wagram, em Paris. Era uma casa pequena, com grades de ferro e um estreito gramado na frente, à esquerda de quem passa o Arco do Triunfo. Imagino que existira ali muito antes da construção da avenida, pois o telhado cinzento era manchado de líquens e as paredes descoradas e mofadas pelo tempo. Vista da rua era uma casa pequena, com cinco janelas na frente, se não me falha a memória, mas alongava-se para os fundos num cômodo único. Era ali que Dacre tinha a sua extraordinária biblioteca de ocultismo, e fantásticas curiosidades que eram para ele uma mania e para os amigos uma diversão. Homem rico, de gosto excêntrico e refinado, despendera boa parte da vida e da fortuna reunindo o que passava por uma inigualada coleção particular de obras mágicas, talmúdicas e cabalísticas, muitas das quais de grande raridade e valor.

Seus gostos inclinavam-no para o sobrenatural e para o monstruoso, e ouvi dizer que os seus experimentos em matéria do desconhecido ultrapassaram todos os limites da civilização e do decoro. Com seus amigos ingleses ele nunca mencionava tais assuntos, e assumia o tom de um erudito e *virtuoso*; mas um francês cujos interesses eram da mesma natureza garantiu-me que os piores excessos da missa negra foram perpetrados naquela vasta e majestosa galeria, forrada com as estantes dos seus livros e com as arcas do seu museu.

A aparência de Dacre era suficiente para demonstrar que o seu profundo interesse em assuntos psíquicos era mais intelectual do que espiritual. Não se via traço de ascetismo em seu carão maciço, mas havia uma grande força mental no seu enorme crânio abaulado, que se projetava para cima por entre os cabelos ralos, como um pico nevado emergindo de uma franja de pinheiros. Seu saber era maior que sua prudência, e seus poderes superavam de muito o seu caráter. Seus olhos pequenos, profundamente encravados na face carnuda, brilhavam de inteligência e de uma insaciável curiosidade sobre a vida, mas eram olhos de um sensual e de um egoísta. E basta quanto ao homem, pois hoje ele está morto, coitado, e morreu precisamente no momento em que se assegurava de, por fim, ter descoberto o elixir da longa vida. Não é do seu complexo caráter que me proponho falar, mas do estranho e inexplicável incidente que teve a sua origem quando eu o visitei, na primavera de 82.

Eu conhecera Dacre na Inglaterra, pois estava empreendendo umas pesquisas no Salão Assírio do Museu Britânico na mesma ocasião em que ele se empenhava em demonstrar um significado místico e esotérico em tabuinhas babilônicas, e essa comunidade de interesses nos pôs em contato. Reparos casuais tinham levado a conversações diárias, e estas a algo que se aproximava da

amizade. Eu lhe prometera procurá-lo em minha próxima visita a Paris. Quando se apresentou o ensejo de cumprir o pacto, eu estava morando numa pequena casa de campo em Fontainebleau, e como os trens noturnos eram desconfortáveis ele me convidou para passar a noite em sua casa.

– Tenho apenas uma cama disponível – disse ele, apontando para um amplo sofá no vasto salão. – Espero que fique bem acomodado.

Era um quarto de dormir bem singular, com suas altas paredes de volumes pardos, mas não podia haver decoração mais agradável para um rato de biblioteca como eu, e não há perfume mais grato às minhas narinas que os eflúvios leves e sutis que se desprendem de um livro antigo. Assegurei-lhe que não podia desejar melhor alojamento ou um ambiente mais adequado.

– A decoração pode não ser conveniente nem convencional, mas pelo menos é custosa – disse ele, olhando as estantes. – Gastei perto de um quarto de milhão com esses objetos que o circundam. Livros, armas, joias, estatuetas, tapeçarias, imagens – não há quase aqui um único objeto que não tenha a sua história, e geralmente uma história que merece ser contada.

Ele estava sentado de um dos lados da lareira aberta, e eu do outro. Sua mesa de leitura ficava à direita, e uma forte lâmpada acima dela a envolvia num círculo vívido de luz dourada. Um palimpsesto parcialmente enrolado ocupava o centro, e em torno dele viam-se estranhas peças de bricabraque. Uma delas era um grande funil, como os usados para encher tonéis de vinho. Parecia feito de madeira escura, com uma borda de latão descorado.

– Que objeto curioso – observei. – Qual é a sua história?

– Ah! – disse ele – é o que me tenho muitas vezes perguntado. Daria tudo para saber. Pegue-o o senhor mesmo e o examine.

Obedeci, e verifiquei que o que imaginara ser madeira era na verdade couro, embora o tempo o tivesse ressecado e tornado extremamente duro. Era um funil grande, e comportaria um quarto de galão quando cheio. Um aro de latão debruava a boca, e a ponta também era revestida de metal.

– Que pensa que seja? – perguntou Dacre.

– Imagino que tenha pertencido a algum vinhateiro ou cervejeiro da Idade Média – respondi. – Já vi na Inglaterra canjirões do século dezessete – *black Jacks*, como eram chamados – da mesma cor e dureza deste funil.

– Eu diria que a data deve ser mais ou menos a mesma – disse Dacre – e, sem dúvida, deve ter sido usado para encher de líquido algum recipiente. Se, no entanto, minhas suposições forem corretas, era um estranho vinhateiro o que o usava, e um estranho vaso o que era enchido. Não notou algo esquisito no bico do funil?

Levantando-o na luz, observei que a umas cinco polegadas da ponta de latão

o estreito gargalo do funil de couro era todo arranhado e machucado, como se alguém o tivesse entalhado com uma faca cega. Era o único ponto em que havia uma aspereza na superfície escura e lisa.

– Alguém tentou cortar o bico.

– Chamaria a isso um corte?

– Está esfolado e lacerado. Deve ter sido necessária certa força para deixar estas marcas num material tão duro, qualquer que fosse o instrumento. Mas, o senhor o que pensa? Tenho certeza de que sabe mais do que diz.

Dacre sorriu, e seus olhinhos piscaram com malícia.

– O senhor incluiu a psicologia dos sonhos entre os seus estudos eruditos? – perguntou.

– Nem sabia da existência dessa espécie de psicologia.

– Meu caro amigo, aquela estante sobre o balcão de joias está repleta de livros, de Albertus Magnus para a frente, que não tratam de outra coisa. É uma ciência em si mesma.

– Ciência de charlatães.

– O charlatão é sempre um pioneiro. Do astrólogo veio o astrônomo, do alquimista, o químico, do mesmerista, o psicólogo experimental. O curandeiro de ontem é o médico de amanhã. Mesmo coisas sutis e impalpáveis como os sonhos serão no devido tempo reduzidas ao sistema e à ordem. Quando esse tempo chegar, as pesquisas dos nossos amigos naquela estante já não serão divertimentos do místico, mas os fundamentos da ciência.

– Supondo que assim seja, o que tem a ver a ciência dos sonhos com este grande funil preto debruado de latão?

– Já lhe explico. Como sabe, eu tenho um agente que está sempre à espreita de raridades e curiosidades para a minha coleção. Algum tempo atrás ele ouviu falar num adeleiro de um dos cais que adquirira uns velhos trastes encontrados num armário de uma velha casa situada nos fundos da rua Mathurin, no Quartier Latin. A sala de jantar dessa velha construção é decorada com um escudo de armas, asnas e bandas encarnadas em campo prateado, que investigações mostraram ser o brasão de Nicholas de la Reynie, alto funcionário do rei Luís XIV. Não cabe dúvida de que outras peças achadas no armário remontam aos primeiros tempos desse rei. A inferência é, pois, que fossem todas propriedades desse Nicholas de la Reynie, que foi, ao que me consta, o cavaleiro especialmente encarregado de manter e executar as leis draconianas daquela época.

– E então?

– Sugiro-lhe que pegue outra vez o funil e examine a borda metálica superior. Vê nela alguma inscrição?

De fato havia nela uns sulcos, quase obliterados pelo tempo. A impressão geral era de uma sequência de letras, a última das quais guardava certa semelhança com um B.

– Parece-lhe ver um B?

– Sim, com efeito.

– A mim também. Aliás, não tenho qualquer dúvida de que seja um B.

– Mas o fidalgo de que fala teria um R por inicial.

– Exatamente! Aí é que está a beleza da coisa. Ele possuía esse objeto curioso, e no entanto tinha iniciais de outrem gravadas nele. Por quê?

– Não posso imaginar. E o senhor?

– Bem. Posso, talvez, adivinhar. Não percebe alguma coisa desenhada na borda, um pouco adiante?

– Diria que é uma coroa.

– Sem dúvida é uma coroa; mas, se a examinar em boa luz, verificará que não é uma coroa comum. É uma coroa heráldica – uma insígnia de nobreza, e consiste numa alternância de quatro pérolas com folhas de morango, o distintivo de um marquês. Podemos deduzir, portanto, que a pessoa cujas iniciais terminam num B tinha a prerrogativa de usar essa coroa.

– Então este simples funil de couro pertencia a um marquês?

Dacre fez um sorriso enigmático.

– Ou a algum membro da família de um marquês – respondeu. – É o que claramente se conclui desse aro gravado.

– Mas o que tem tudo isso a ver com sonhos?

Não sei se foi devido a uma expressão no rosto de Dacre, ou a uma sutil sugestão nos seus modos, mas um sentimento de repugnância, de inexplicável horror, assaltou-me enquanto eu contemplava a velha e surrada peça de couro.

– Mais de uma vez recebi importantes esclarecimentos por via dos meus sonhos – disse o meu companheiro na feição didática que gostava de assumir. – Agora, adotei como regra sempre que me vejo em dúvida sobre alguma questão especial, colocar ao meu lado enquanto durmo a peça em causa, e esperar uma elucidação. O processo não me parece tão misterioso, embora ainda não tenha a sanção da ciência ortodoxa. Segundo a minha teoria, qualquer objeto que tenha estado intimamente associado com algum supremo paroxismo de emoção humana, quer de prazer quer de dor, reterá uma certa atmosfera ou conexão passível de comunicar-se a uma mente sensitiva. Quando falo de uma mente sensitiva, não me refiro a uma mente anormal, mas a uma mente educada e cultivada como a sua ou como a minha.

– Quer dizer, por exemplo, que se eu dormisse junto àquela velha espada pendurada na parede, poderia sonhar com algum incidente sangrento em que essa

mesma espada tivesse participado?

– Um excelente exemplo, já que, por sinal, essa espada foi usada por mim dessa maneira, e eu vi em meu sono a morte do seu dono. Ele pereceu numa breve escaramuça, que não me foi dado identificar, mas que ocorreu ao tempo das guerras dos frondistas. Pensando bem, algumas das usanças populares são a prova de que o fato já era conhecido dos nossos ancestrais, ainda que nós, em nossa sapiência, o classifiquemos entre as superstições.

– Por exemplo?

– Por exemplo, colocar um bolo de noiva sob a cama para provocar no ocupante sonhos agradáveis. É um dos muitos exemplos que o senhor encontrará citados numa pequena memória que estou escrevendo sobre o assunto. Mas, voltando ao ponto, uma noite eu dormi com esse funil perto de mim e tive um sonho que sem dúvida lança uma luz bem singular sobre o seu uso e origem.

– Como foi esse sonho?

– Sonhei... – Ele interrompeu-se e uma expressão intensamente interessada surgiu-lhe nas feições massudas. – Por Júpiter, é uma grande ideia. Será uma experiência sobremodo interessante. O senhor é um excelente paciente psíquico, com nervos que respondem prontamente a qualquer estímulo.

– Nunca me pus à prova nesse campo.

– Vamos prová-lo hoje. Posso pedir-lhe como um favor especial que, ao ocupar esta noite esse sofá, durma com esse velho funil junto à sua cabeceira?

O pedido pareceu-me grotesco; mas eu mesmo, em minha complexa natureza, tenho uma grande inclinação para tudo que é fantástico e incomum. Não acreditava nem um pouco na teoria de Dacre, nem esperava resultados da tal experiência; ainda assim, divertia-me prestar-me a ela. Dacre, com muita gravidade, puxou uma mesinha para junto do sofá e colocou o funil sobre ela. Conversamos mais um pouco, depois ele me desejou boa noite e deixou-me.

Por algum tempo fiquei sentado a fumar junto ao fogo lento da lareira, repassando em pensamento o curioso tema da conversa, e a estranha experiência que possivelmente me aguardava. Por cético que eu fosse, havia algo impressionante na segurança de Dacre, e o ambiente extravagante que me rodeava, aquela enorme sala, aqueles objetos heteróclitos e não raro sinistros dispostos ao redor incutiam-me na alma um sentimento de solenidade. Por fim despi-me, apaguei a candeia e me deitei. Depois de muito remexer-me, adormeci.

Tentarei descrever com a máxima fidelidade possível a cena que me veio em meus sonhos. Ela se conserva ainda hoje em minha memória mais claramente do que qualquer coisa que eu tenha visto com meus olhos despertos.

Era um aposento que tinha a aparência de uma cripta. Quatro rins partindo dos cantos subiam para juntar-se numa abóbada pontuda. A arquitetura era tosca

mas robusta. Evidentemente fazia parte de um grande edifício.

Três homens de preto, com curiosos chapéus de veludo negro de grandes copas, estavam sentados em linha sobre um estrado atapetado de vermelho. Seus rostos eram tristes e solenes. À esquerda, de pé, dois homens em túnicas longas sobraçavam pastas que pareciam recheadas de papéis. À direita, olhando para mim, uma mulher pequena, de cabelos louros e olhos singulares, azuis-claros – olhos de criança. Já passara da primeira juventude, mas não podia ainda dizer-se de meia-idade. Seu talhe tendia à corpulência e seu porte era orgulhoso e confiante. O rosto estava pálido mas sereno. Era um rosto estranho, bonito mas felino, com um quê sutil de crueldade na boca pequena, reta e firme e no queixo arredondado. Estava envolvida numa espécie de camisolão branco, comprido e solto. Ao lado dela um padre magro e ansioso, que continuamente erguia um crucifixo diante dela. Ela voltou a cabeça e encarou fixamente, para além do crucifixo, os três homens de negro, que eram, pressenti, os seus juízes.

Enquanto eu olhava espantado, os três homens puseram-se de pé e disseram qualquer coisa, mas eu não pude distinguir palavras, embora percebesse que era o do centro que falava. Depois retiraram-se majestosamente, acompanhados dos dois com papéis. No mesmo instante vários indivíduos de aspecto rude, vestindo grossos gibões, entraram azafamadamente e removeram primeiro o tapete vermelho, depois as tábuas que formavam o estrado, de modo a desimpedir por completo o recinto. Retirado aquele anteparo, vi algumas singulares peças de mobília atrás dele. Uma parecia uma cama, com rolos de madeira em cada extremidade e uma manivela para regular-lhe o comprimento. Outra era um cavalo de madeira. Havia vários outros objetos esquisitos, e diversas cordas penduradas que passavam em polias. Não era muito diferente de um moderno ginásio.

Depois que a sala foi esvaziada, uma nova figura apareceu em cena. Era um homem alto e magro, todo vestido de negro, com uma face austera e descarnada. O aspecto dele fez-me estremecer. Sua roupa era lustrosa de graxa e pintalgada de manchas. Portava-se com dignidade lenta e impressionante, como se a partir de sua entrada assumisse o controle de tudo. A despeito da aparência rude e da sórdida indumentária, era agora a sua alçada, a sua sala, o seu comando. No antebraço esquerdo ele trazia um feixe de cordas finas. A dama olhou-o de alto a baixo com um olhar indagador, mas sua expressão se manteve inalterada. Confiante – desafiadora mesmo. Com o padre se passava coisa bem diversa. Seu rosto estava mortalmente branco, e eu vi a umidade brilhar e escorrer em sua testa alta e fugidia. Ele levantou as mãos em oração e continuamente se inclinava para murmurar palavras agitadas ao ouvido da mulher.

O homem de negro adiantou-se e, tomando uma das cordas do braço

esquerdo, amarrou as mãos da mulher. Ela as manteve docilmente estendidas para ele enquanto ele o fazia. Em seguida ele agarrou-lhe o braço com uma preensão brutal e a conduziu em direção ao cavalo de madeira, que era pouco mais alto que a cintura dela. Ela foi erguida e deitada sobre o cavalo, o rosto voltado para o teto, enquanto o padre, trêmulo de horror, se precipitava para fora da sala. Os lábios da mulher moviam-se rapidamente, e embora nada ouvisse eu sabia que ela estava orando. Seus pés pendiam de cada lado do cavalo, e eu vi que os labregos que serviam de ajudantes tinham amarrado cordas aos seus tornozelos e prendido as outras pontas a argolas de ferro chumbadas ao piso de pedra.

Meu coração confrangeu-se dentro de mim quando vi esses preparativos ominosos, mas ainda assim a fascinação do horror me pregava no lugar, e eu não conseguia desviar os olhos do insólito espetáculo. Um homem entrou na sala com um balde de água em cada mão. Um outro o seguia com um terceiro balde. Os baldes foram colocados ao lado do cavalo de madeira. O segundo homem tinha na outra mão um colherão de pau – uma concha com um cabo reto – e entregou-a ao homem de negro. Ao mesmo tempo um dos ajudantes aproximou-se trazendo um objeto escuro, que mesmo no meu sonho inspirou-me uma vaga impressão de familiaridade. Era um funil de couro. Com horrível violência ele o introduziu... mas eu não pude mais suportar. Meus cabelos se eriçaram de horror. Contorcei-me, debati-me, rompi os laços do sono e emergi com um grito na minha própria vida, e dei comigo deitado e tremendo de terror na enorme biblioteca, com o luar jorrando através da janela e projetando estranhos arabescos negros e prateados na parede oposta. Ah! que abençoado alívio sentir-me de volta ao século dezenove – sair de um subterrâneo medieval para um mundo em que os homens tinham no peito corações humanos. Sentei-me no sofá, tremendo em todo o corpo, a mente dividida entre o horror e a gratidão. Pensar que coisas como aquela tinham sido praticadas – que *pudessem* sê-lo sem que Deus fulminasse os celerados! Seria tudo uma fantasia, ou representava realmente algo que acontecera em dias negros e cruéis da história do mundo? Enterrei a cabeça latejante nas mãos trêmulas. E então, de repente, meu coração pareceu parar no peito, e eu não consegui sequer gritar, tamanho era o meu terror. Alguma coisa avançava para mim na escuridão da sala.

É um horror seguindo outro horror que quebra o espírito de um homem. Eu não podia refletir, não podia orar; tudo que podia era ficar sentado como uma imagem congelada e fixar o vulto escuro que se aproximava pela grande galeria. Então ele penetrou no feixe de luar, e eu voltei a respirar. Era Dacre, e sua fisionomia revelava que ele estava tão assustado quanto eu.

– Foi o senhor? Pelo amor de Deus, o que houve? – perguntou ele em voz rouca.

– Puxa, Dacre, que prazer vê-lo! Estive no inferno. Foi horrível.

– Então foi o senhor quem gritou?

– Suponho que sim.

– Ecoou na casa inteira. Os criados estão apavorados. – Ele riscou um fósforo e acendeu a candeia. – Acho que podemos reacender o fogo – acrescentou, atirando algumas achas sobre as brasas. – Bom Deus, meu caro amigo, como está pálido! Parece que viu um fantasma.

– E vi... Vários.

– Então o funil de couro funcionou?

– Eu não dormiria outra vez perto dessa coisa infernal por todo o dinheiro que o senhor me pudesse oferecer.

Dacre deu uma risada.

– Imaginei que teria uma noite animada – disse. – E o senhor tirou a sua desforra, pois o seu grito não foi um som muito agradável de se ouvir às duas da manhã. Suponho, pelo que me diz, que viu a coisa toda.

– Que coisa?

– A tortura da água – a “Inquirição Extraordinária”, como era chamada nos alegres dias de “Le Roi Soleil”. Conseguiu aguentar até o fim?

– Não, graças a Deus, acordei antes mesmo que começasse propriamente.

– Ah! Tanto melhor para o senhor. Eu aguentei até o terceiro balde. Bem, é uma velha história, e agora estão todos em suas covas; seja como for, portanto, que diferença faz a maneira como lá chegaram? O senhor provavelmente não faz ideia do que era o que viu?

– A tortura de alguma criminosa. Deve ter sido uma terrível malfeitosa, se os seus crimes foram proporcionais ao castigo.

– Bem, temos esse pequeno consolo – disse Dacre, traçando o roupão em volta do corpo e curvando-se para mais perto do fogo. – Eles *foram* proporcionais ao castigo. Isto é, se estou certo quanto à identidade da dama.

– Como é possível que conheça a sua identidade?

Em resposta, Dacre apanhou de uma prateleira um velho volume encadernado em velino.

– Ouça isto. Está em francês do século XVII, mas eu irei traduzindo aproximadamente à medida que leio. O senhor julgará por si mesmo se eu decifrei ou não o enigma.

“A prisioneira foi levada perante as Grands Chambres e Tournelles do Parlamento, reunidas como corte de justiça, acusada de ter assassinado M. Dreux d’Aubray, seu pai, e seus dois irmãos MM. d’Aubray, um deles, lugar-tenente civil, o outro, conselheiro do Parlamento. Vendo-a em pessoa, era difícil acreditar que ela tivesse realmente cometido esses atos perversos, pois era de aparência

frágil e estatura pequena, tinha a pele clara e os olhos azuis. Ainda assim o tribunal, julgando-a culpada, condenou-a à inquirição ordinária e à extraordinária para forçá-la a apontar os seus cúmplices, após o que ela seria conduzida em carreta à Place de Grève para lá ser decapitada, devendo em seguida o corpo ser queimado e suas cinzas espalhadas ao vento.

“A data deste assentamento é 16 de julho de 1676.”

– Interessante – disse eu –, mas não conclusivo. Como prova que as duas mulheres eram a mesma?

– Já chego lá. A narrativa prossegue falando do comportamento da mulher ao ser inquirida. “Quando o verdugo se aproximou, ela o reconheceu pelas cordas que ele trazia nas mãos, e prontamente estendeu-lhe as suas próprias, olhando-o de alto a baixo sem dizer palavra.” Que tal?

– Sim, foi como aconteceu.

– “Ela fitou imperturbável o cavalo de madeira e as argolas que haviam torcido tantos membros e arrancado tantos gritos de agonia. Ao dar com os olhos nos três baldes de água preparados para ela, disse sorrindo: ‘Toda esta água deve ter sido trazida com o fim de me afogar, *monsieur*. O senhor não imagina, espero, obrigar uma pessoa pequena como eu a engoli-la toda’. ” Quer que eu leia os pormenores da tortura?

– Não, pelo amor de Deus!

– Cá está uma frase que certamente há de demonstrar-lhe que o que aqui se encontra registrado foi exatamente a cena a que o senhor assistiu esta noite: “O bom Abbé Pirot, incapaz de contemplar os sofrimentos infligidos à sua penitente, fugira apressadamente do recinto”. Isto o convence?

– Completamente. Não cabe dúvida de que se trata dos mesmos fatos. Mas quem foi afinal essa dama de aspecto tão atraente e que teve um fim tão horrível?

Em resposta Dacre chegou-se a mim e colocou a candeia sobre a mesa junto à minha cama. Levantando o malfadado funil, voltou o aro de latão de modo que a luz incidisse em cheio sobre ele. Dessa forma, a inscrição era mais claramente visível do que o fora na noite da véspera.

– Já concordamos em que isto seja a insígnia de um marquês ou de uma marquesa – disse ele. – Também estabelecemos que a última letra é um B.

– Sim, não há dúvida.

– Agora eu lhe sugiro que as outras letras, da esquerda para a direita, são M, M, um d minúsculo, A, outro d minúsculo, e então vem o B final.

– Sim, estou certo de que tem razão. Vejo os dois dês minúsculos distintamente.

– O que acabo de ler-lhe – disse Dacre – é o registro oficial do julgamento de Marie Madeleine d’Aubray, Marquesa de Brinvilliers, uma das mais célebres

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

